



RELICI

O FUTEBOL NO CINEMA: UMA ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO “COPA UNIÃO” (2012) E A NARRATIVA SOBRE O POLÊMICO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1987¹

FOOTBALL IN CINEMA: AN ANALYSIS OF THE DOCUMENTARY “COPA UNIÃO” (2012) AND THE NARRATIVE ABOUT THE CONTROVERSIAL 1987 BRAZILIAN CHAMPIONSHIP

Luiz Eduardo Pinto Barros²

RESUMO

O presente trabalho faz uma análise do documentário *Copa União* (2012), dirigido por Diogo Dahl e Raphael Vieira, que trata sobre o polêmico Campeonato Brasileiro de 1987 e divide as atenções entre torcedores do Flamengo e do Sport que se consideram os “verdadeiros campeões” daquele campeonato. A narrativa do filme parte do ponto de vista do Flamengo, dentro e fora de campo, mas, também, contempla a participação de pessoas de outros clubes. O documentário conta com a presença de comentaristas esportivos, dirigentes, ex-atletas de vários times e ex-jogadores do Flamengo que conquistaram a Copa União de 1987. O artigo faz uma relação entre a narrativa do documentário e os elementos que fizeram parte do contexto histórico da competição que continuou nos tribunais nas décadas seguintes. Aponta-se que o documentário *Copa União* tem um perfil diferente de outros do mesmo gênero sobre clubes de futebol, sendo menos ufanista e com perfil mais jornalístico. Por isso, independente de qualquer torcida, é um filme que deve ser apreciado por pessoas que gostam de futebol e deve ser mais conhecido do público brasileiro.

Palavras-Chave: Confederação Brasileira de Futebol, questões judiciais, contexto histórico.

ABSTRACT

This paper analyzes the documentary *Copa União* (2012), directed by Diogo Dahl and Raphael Vieira, which deals with the controversial 1987 Brazilian Championship and divides attention between Flamengo and Sport fans who consider themselves the “true

¹ Recebido em 01/07/2025. Aprovado em 01/11/2025. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.17661439

² Prefeitura Municipal de Guaxupé. luizeduardopb@hotmail.com



RELICI

champions” of that championship. The film’s narrative starts from Flamengo’s point of view, on and off the field, but also includes the participation of people from other clubs. The documentary features sports commentators, directors, former athletes from several teams and former Flamengo players who won the 1987 Copa União. The article relates the documentary’s narrative to the elements that were part of the historical context of the competition that continued in court in the following decades. It is interpreted that the documentary *Copa União* has a different profile from other similar documentary about football clubs, being less jingoistic and with a more journalistic profile. Therefore, regardless of any support, it is a film that should be enjoyed by people who like football and should be better known to the Brazilian public.

Key- words: Brazilian Football Confederation, justice themes, historical context

INTRODUÇÃO

O cinema é provavelmente o instrumento de linguagem mais eficiente que existe. Historicamente é utilizado de diversas maneiras, não apenas para entreter como para convencer. Seja uma ficção ou não. E como instrumento para conquistar interesses políticos (não apenas relacionados a questões partidárias), independente do assunto, um dos tipos de cinema mais trabalhados para conquistar determinado fim é o estilo documentário.

Muitas vezes entendido no senso comum como “cinema-verdade”, documentários chamam muito a atenção dependendo do assunto tratado. Muitas vezes, são utilizados para enaltecer a biografia de uma pessoa ou um grupo de pessoas. E em se tratando de Brasil, um dos temas de documentários mais explorados é o futebol. Considerado como uma das maiores paixões nacionais, em solo brasileiro, documentários sobre clubes, jogadores e ex-atletas mostram a influência do futebol em diversos setores da sociedade brasileira. Alguns específicos ficaram conhecidos do público que se interessa por futebol no país, citando alguns exemplos como: *Pelé Eterno* (2004); *Brasil 2002: os bastidores do penta* (2022); *Todos os Corações do Mundo* (1995) e *Ronaldo, O Fenômeno* (2022). Além de outros documentários internacionais sobre o futebol que se tornaram bem conhecidos no Brasil como: *Maradona por Kusturica* (2008), a série documental *Real Madri: como não te amar* (2025); e *Le Bleus: uma outra história da França (1996-2016)* (2016). No que se refere



RELICI

a filmes fictícios sobre o futebol, pelo menos no Brasil, quase nenhum se tornou memorável. Com exceção do filme *Asa Branca: um sonho brasileiro* (1981), dirigido por Djalma Batista e protagonizado por Edson Celulari que marcou muitos espectadores dos anos 1980, outros foram objetos de muita crítica e nem de longe são mencionados como “memoráveis”. São os casos de *Os Trapalhões e o Rei do Futebol* (1986), com Pelé, e *Uma Aventura do Zico* (1999), tendo Zico como protagonista. Se suas atuações como atores não convenceram nas telas de cinema, Pelé e Zico são os ex-jogadores que mais aparecem em documentários de futebol na história do Brasil. E foi justamente assistindo a um documentário no qual Zico participa como um dos protagonistas de uma grande conquista do Flamengo que surgiu a ideia para escrever o presente artigo. Trata-se da produção *Copa União* de 2012, dirigido por Diogo Dahl e Raphael Vieira.

O documentário surgiu num contexto em que o Flamengo não estava vivendo uma grande fase dentro e fora de campo. Problemas administrativos, dificuldades financeiras, disputas políticas nos bastidores e o surgimento de pesquisas que apontavam que o clube carioca não era unicamente a maior torcida do Brasil. Foi neste cenário que foi lançado o documentário *Copa União*. Naquela época, o Flamengo pleiteava ser reconhecido como o primeiro pentacampeão brasileiro de futebol e, ao mesmo tempo, receber a Taça das Bolinhas de forma definitiva. O troféu foi criado em 1975 e seria entregue definitivamente para o primeiro clube que conquistasse três campeonatos seguidos ou cinco alternados. Em 1992, o Flamengo conquistou o seu quinto título, mas não recebeu a taça. Afinal, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) não reconhecia o título dos cariocas de 1987. Com isso, o São Paulo, que conquistou o pentacampeão brasileiro em 2007, recebeu a Taça das Bolinhas, em fevereiro de 2011. Por questões judiciais, os dirigentes do clube paulista devolveram o troféu para a Caixa Econômica poucas semanas depois. Isto porque, no mesmo contexto, a CBF reconheceu o título brasileiro de 1987 para o Flamengo. Mas isto não foi o suficiente, pois o Sport entrou na Justiça. Juridicamente de forma oficial, o Sport é o campeão brasileiro de 1987. Toda esta polêmica está no documentário *Copa*



RELICI

União. E para quem assiste está película, percebe-se o esforço dos diretores de fazer o espectador entender a relevância da Copa União de 1987 ser reconhecida e exaltada, não apenas para os flamenguistas, mas para todos que amam o futebol.

O documentário em questão foi o segundo dirigido por Diogo Dahl que, em 2011, lançou *Flamengo Hexa: 100 anos de Futebol*. Ele é filho da atriz e diretora de cinema, Ana Maria Magalhães, e do cineasta Gustavo Dahl que fez história no cinema brasileiro. Diogo teve como parceiro de direção em *Copa União*, Raphael Vieira. Este havia dirigido anteriormente outros filmes sobre o Flamengo como: *Penta Tri- A Hegemonia* (2009); *Conte Comigo Mengão* (2009); e *Vamos Flamengo* (2008). Futuramente lançaria *A Turma do Maestro Júnior* (2024).

Sendo assim, neste artigo trataremos sobre: o documentário como cinema; a relação entre o documentário e o futebol, principalmente para exaltar a memória; os apontamentos sobre o motivo de ter sido feito um documentário sobre a Copa União de 1987; a competição dentro de campo; a descrição e conteúdo da película; as consequências e desdobramentos após a Copa União; e uma análise sobre o documentário.

Neste trabalho não existe a intenção de fazer julgamentos sobre a Copa União, a sua organização e quem de fato é campeão. Mas, sim, explorar o tema a partir do documentário contrapondo aos fatos relacionados ao assunto. Aliás, assunto este que ganhou repercussão na FIFA, tornou-se tema de votação no Supremo Tribunal Federal, serviu de objeto de crítica e elogio ao extinto *Clube dos 13* e virou objeto de pesquisa que se tornaria vários livros. Como foram os casos de *1987: A História Definitiva*, de Pablo Duarte Cardoso, e *1987: de fato, de direito e de cabeça* de André Gallindo e Cassio Zirpoli. Aliás, estas obras serviram de base para tratar do assunto neste trabalho. E desde este momento pode-se perceber que o documentário *Copa União* tem um perfil diferente daqueles que exaltam as conquistas de um determinado clube de forma ufanista e fanática. Apesar de valorizar o Flamengo, auxilia como instrumento para pesquisadores que podem fazer da película uma fonte



RELICI

histórica pela riqueza de informações. Sem dúvida um dos documentários sobre o futebol brasileiro mais relevantes dos últimos 40 anos.

O DOCUMENTÁRIO COMO CINEMA

Segundo Andréa França (2008), o cinema documentário tem se mostrado ao longo da história como campo que defrontou com o espectro de objetividade, de uma verdade na representação, de transparência, de modo que o espectador recebesse as informações de forma estável. Ou seja, acreditando naquilo que está assistindo. Desde as suas origens, a reflexão sobre este estilo de cinema tem sido apontado como “verdade” ou “mentira”, “autêntico” ou “ficção”, “realidade” ou “representação”. Muitas vezes recebendo o nome de “cinema-olho”, “cinema-vivido” ou “cinema verdade”, o que se discute é a maneira como foi forjado o lugar do espectador de documentários do ponto de vista histórico e social. Algo que coloca o sujeito numa situação distinta de outros tipos de produções cinematográficas como drama, comédia, ação, animação e etc.

Para Bill Nichols (1997), num contexto no qual o espectador de documentários é visto como diferente daquele de ficção, películas investigativas constrói discursos de serenidade sobre a realidade social, com aspectos ideológicos. Ele menciona o caso do britânico John Grierson. Este foi um cineasta que percebeu o potencial das películas para moldar as reflexões das pessoas em relação ao cotidiano. Nascido na Escócia, em 1898, estudou na Universidade de Glasgow e na Universidade de Chicago. Durante seus estudos na década de 1920, ele percebeu que eventos históricos estavam sendo filmados muitas vezes como uso de propaganda, como foram os casos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Revolução Bolchevique na Rússia (1917). A partir da década de 1930, Grierson intensificou suas atividades com cinema-documentarista na Inglaterra sobre o próprio país. Na mesma década, a elaboração de documentários como forma de propaganda e defesa de manutenção do poder foi utilizado pelo regime nazista na Alemanha.



RELICI

Segundo Lissovsky, em muitas situações o cinema faz uso da memória histórica como se o “passado fosse perfeito”. Mas quando tal perfeição não existe e lacunas são abertas, permitindo espaços vazios, “somos convidados a conjugar a memória histórica de uma outra maneira, no ‘futuro do pretérito’” (Lissovsky, 2008, p.26). Ou seja, o que deveria ter sido.

Para Bill Nichols, o documentário é uma representação do mundo e não uma reprodução da realidade, como este gênero cinematográfico é, na maioria das vezes, interpretado pelo público. Essa representação é sempre um ponto de vista exclusivo de quem produz o documentário. Os “documentários representam o mundo histórico ao moldar o registro fotográfico de algum aspecto do mundo de uma perspectiva ou de um ponto de vista diferente. Como representação, tornam-se uma voz entre muitas numa arena de debate e contestação social” (Nichols, 2005, p.73).

Ao mesmo tempo em que faz uma representação do mundo, o documentário assume um ponto de vista sempre singular, já que se constitui conforme o ponto de vista do cineasta. Para Penafria (1999), a produção cinematográfica não deve mostrar o óbvio, mas transparecer nosso universo e permitir que nossa experiência permita compreender um outro ponto de vista em relação ao tema abordado.

Muito mais do que um documento escrito sobre um fato, que pressupõe a interpretação daquele que o escreveu, o documentário se aproxima, ou parece se aproximar, da realidade por sugerir uma relação direta entre espectador e acontecimento. A única mediação existente aí seria realizada pela câmera, instrumento mecânico, ou seja, sem opiniões ou subjetividades para “contaminar” o registro do real.

O filme nos chega com a força de documento autêntico pois sabemos, pelas leis da reprodução mecânica, que o que vemos na tela aconteceu de fato, em certo sentido, diante da câmera (...), a impressão fílmica da realidade, por sua vez, beneficia -se, em sentido literal ou figurado, da expressão da ideologia do visível (“ver para crer”) (Stam, 1981, p.143).

Para Neli Mombelli e Cassio Tomaim (2014), quando fazemos uma análise fílmica de um documentário é necessário observar aspectos internos e externos ao filme. Internos são os elementos da linguagem audiovisual que dão forma ao produto.



RELICI

Os externos estão ligados a temporalidade, levando em conta o período retratado, às questões econômicas, políticas, culturais e sociais da época. E, também, ao tempo da arte. Ou seja, a “escola” ou movimento de cinema que a produção cinematográfica faz parte. Neste caso, o documentário contemporâneo.

A RELAÇÃO ENTRE FUTEBOL E DOCUMENTÁRIO

A temática sobre o futebol no cinema brasileiro evidencia um desejo de diversos cineastas, e dos espectadores, de compreender como o esporte revela as nossas formas de sociabilidade. No trabalho com documentários, por exemplo, assim como as obras que tematizam os mais diversos assuntos, as películas sobre o futebol são construídas de diferentes maneiras e muitas vezes fazem uso dos seguintes elementos: entrevistas; utilizam arquivos imagéticos e sonoros; narração; e podem ser realizados em primeira pessoa,

Para Winter (2006), nas últimas décadas vem ocorrendo um “boom da memória”, na medida em que o passado está sendo valorizado e ganhando espaços discursivos de destaque. Podemos observar esse movimento no nosso cotidiano.

Conforme comenta Aleida Assmann (2011), aquele tempo que tínhamos para armazenar grandes quantidades de informações, conhecimento e recordações a nível interno, ou seja, na mente, acabou. A profissão de memorizador, antes muito valorizada na Idade Antiga, atualmente, não existe mais. Substituindo a função de memorizar grandes quantidades de informações, atualmente existem aparatos tecnológicos que se apresentam como suportes para a memória, sendo estes conhecidos como mídias de recordações e tendo a função de preservar e proteger a memorização.

Na medida em que olhamos para a imagem, no caso uma fotografia que registra um momento de grande valor, também podemos colocar em discussão os filmes, pois eles nada mais são do que imagens em movimento. Nesse contexto, o documentário ganha um espaço de grande relevância como “mídia de memória”. Nesse sentido,



RELICI

Quando o documentarista se interessa pelo passado, por um tema histórico, não lhe resta muito mais do que vestígios e testemunhas, o que faz deste tipo de cinema uma atividade “artesanal da memória” vocacionada a preservar/armazenar uma memória experiencial do vivido (Tomaim, 2016, p. 99).

Contudo, para que o documentário possa exercer sua vocação para a memória, é necessário que exista uma cultura que permita tal atividade. Segundo Aleida Assmann, “a cultura europeia da Renascença criou condições para que os autores romanos continuassem a ser lidos mesmo depois da queda do império romano” (Assmann, 2011, p. 199). Na sociedade contemporânea passará a existir uma multiplicidade de fatores que propiciam uma efervescente cultura da memória.

Segundo Julian Medeiros e Cássio Tomaim (2023), o primeiro fator que impulsionou a expansão da cultura da memória na sociedade ocidental foi a luta dos movimentos sociais pela memória de períodos traumáticos. A partir dos anos 1960 foi reivindicada a necessidade de repensar as perspectivas construídas sobre determinadas memórias, sobretudo as elaboradas a partir da visão dos colonizadores num contexto de busca pela descolonização nos continentes africano e asiático. E neste cenário, busca-se construir memórias a partir de grupos minoritários com relevante participação dos testemunhos.

Julian Medeiros e Cássio Tomaim (2023) escreveram o artigo “Memórias e identidades de times de futebol nos documentários da G7 Cinema”. Explicando seus métodos de pesquisa para desenvolver o trabalho, eles mencionam que assistiram 10 filmes sobre futebol produzidos pela *G7 Cinema*. Algumas destas produções são: *Inacreditável - A Batalha dos Aflitos* (2007), sobre a volta do Grêmio à elite do futebol brasileiro; *Gigante – Como o Inter Conquistou o Mundo* (2007), que aborda a conquista do Campeonato Mundial pelo Internacional; *Fiel – O Filme* (2009): sobre a relação da torcida corinthiana com o clube, o rebaixamento para a segunda divisão e a volta do time à elite do futebol brasileiro; *Soberano - Seis Vezes São Paulo* (2010): filme que aborda os títulos do campeonato brasileiro do São Paulo; e *Soberano 2 - A Heroica Conquista do Mundial de 2005* (2012): documentário que narra a conquista em 2005 do Campeonato Mundial pelo São Paulo. Após assistirem estas produções, eles



RELICI

tentaram identificar elementos em comum que dessem “uma marca” para documentários a respeito de clubes de futebol.

Após assistir, notamos que os seguintes aspectos relacionados à linguagem cinematográfica e narrativa atravessam todas as obras: Uso de testemunhos de treinadores e jogadores sobre as partidas; Utilização de imagens de arquivo dos lances das partidas, aliado a narrações radiofônicas; Emprego de imagens de arquivo dos bastidores do clube (antes ou depois das partidas); Utilização de imagens de arquivo das torcidas dos clubes durante os jogos; e Uso de testemunhos de torcedores com memórias afetivas relacionadas ao clube do coração [...] Vale ressaltar que nem todos os filmes contam com todos estes elementos. Por exemplo, a obra *Inacreditável - A Batalha dos Aflitos* (2006), não trabalha com o “Uso de testemunhos de torcedores com memórias afetivas relacionadas ao clube do coração.” É uma narrativa mais institucional, focando principalmente no “Uso de testemunhos de treinadores e jogadores sobre as partidas”. Contudo, de qualquer forma, é inevitável não delinear um certo padrão que atravessa todas as obras (Medeiros; Tomaim, 2023, p.12-13).

Este padrão de exaltação das glórias de um clube é feito justamente para conquistar os torcedores e envolve paixão, nostalgia e memória. Por minhas palavras, costumo comparar, com certo exagero, documentários sobre conquistas esportivas (principalmente do futebol) com a *Odisseia* da Grécia Antiga antes do período arcaico. Ou seja, um trajeto de lutas, batalhas, sofrimento e recompensa. Quase uma ficção para entreter seus torcedores.

O documentário escolhido para ser objeto de análise neste artigo não é específico sobre um clube, mas tem seus momentos de “trajetória grega”. Mostra diversas abordagens de vários torcedores, dirigentes e jornalistas que vivenciaram o Campeonato Brasileiro de 1987. Chamada de Copa União, o torneio entrou para a história pelo espetáculo das torcidas, recordes de público nos estádios, jogos emocionantes e, claro, pelas polêmicas. Foi o campeonato que “não acabou” e até hoje se discute quem foi o verdadeiro campeão: Flamengo ou Sport. Neste sentido, o documentário coloca o Flamengo como o protagonista e desde os primeiros momentos em que o clube carioca é mostrado por ex-jogadores, dirigentes e torcedores numa situação de busca pela redenção desde o início do campeonato. Porém, a produção mostra os bastidores e polêmicas que envolveram o antes, o durante e o depois do campeonato de uma forma que parece colocar o espectador



RELICI

“dentro do próprio filme”. Nos próximos parágrafos, faz-se uma contextualização sobre o que foi na real aquela “Copa União”.

O FLAMENGO E A COPA UNIÃO: MOTIVOS PARA UM DOCUMENTÁRIO

O Flamengo é o clube de maior torcida no Brasil. Segundo uma pesquisa divulgada pelo DATAFOLHA em novembro de 2024, dos torcedores brasileiros que gostam de futebol, 19% são flamenguistas (Flamengo tem a maior torcida do Brasil; Corinthians aparece em 2º lugar. *Folha de S.Paulo*. Esportes, p.3. São Paulo, 2 de dezembro de 2024). A mesma instituição fez a mesma pesquisa no ano de 2012 e o resultado foi de que o número de torcedores do Flamengo era semelhante ao de corinthianos representando 16% cada, sendo ambas as maiores torcidas do país. Pesquisas como estas sempre causam polêmicas e geram diversos debates. Em 2012, a reportagem da *Folha de S.Paulo* mostrava que o número de torcedores do Corinthians tinha aumentado relativamente após o clube paulista ter retornado à Série A do Campeonato Brasileiro, em 2009 (Datafolha aponta empate entre Corinthians e Fla como maiores torcidas do Brasil. *Folha de S.Paulo*, Esportes, p.1. São Paulo; 15 de dezembro de 2012). Naquele contexto, o Flamengo não estava vivendo um momento de glórias e, após o título brasileiro de 2009, o clube carioca passava por um cenário de crise financeira, campanhas razoáveis no Campeonato Carioca (venceu apenas em 2011), eliminado nas quartas-de-final da Copa do Brasil, em 2010, eliminado na primeira fase da Libertadores da América de 2012 e nas quartas-de-final de 2010, e 14º e 4º colocado nos Brasileiros de 2010 e 2011 respectivamente.

Além de um cenário complicado dentro de campo, ainda teve a contratação de Ronaldinho Gaúcho, em 2011, tendo um trabalho razoável, porém, caro, que não deixou saudades para o torcedor flamenguista. O craque deixou o clube praticamente “pela porta dos fundos”, pois sua saída estava relacionada a atrasos de pagamentos salariais. Tudo isto durante a presidência da Patrícia Amorim que teve vários problemas administrativos, financeiros e de relações interpessoais. Somada a estas situações, surgiu outro problema: a questão da Taça das Bolinhas.



RELICI

Em 1975, a Caixa Econômica Federal criou o Troféu Brasil, que foi elaborado pelo artista plástico Maurício Salgueiro. Por causa do seu design, a peça ficou conhecida como a Taça das Bolinhas. A partir daquele ano, o clube que conquistasse o título de campeão brasileiro três vezes seguidas ou cinco alternadas ficaria com a posse definitiva da taça. Uma réplica foi entregue a todos os campeões entre 1975 e 1992. Em fevereiro de 2011, a CBF, presidida por Ricardo Teixeira, reconheceu o Flamengo como campeão brasileiro de 1987. Neste sentido, o clube carioca teria reconhecido seis títulos brasileiros, sendo que o quinto foi conquistado em 1992. O problema é que pouco tempo antes a taça havia sido entregue ao São Paulo FC, também com seis títulos, sendo o quinto conquistado em 2007. O jurídico do Flamengo entrou na Justiça com um pedido de busca de apreensão que foi aceito. Os dirigentes do clube paulistano devolveram a Taça das Bolinhas para a Caixa Econômica Federal onde ela permanece até os dias atuais. Muitos dirigentes do São Paulo manifestaram publicamente que o tricolor paulista era o primeiro penta campeão brasileiro, pois do ponto de vista jurídico o campeão brasileiro de 1987 é o Sport. Sendo assim, a Copa União não entrava na conta de títulos brasileiros conquistados pelo Flamengo. E se não bastasse isso, o Sport entrou na Justiça contra a CBF por “descumprir” uma questão legal que era o reconhecimento do Sport como único campeão brasileiro de 1987. Ou seja, era um cenário desgastante para o Flamengo.

Neste cenário os diretores Raphael Vieira e Diogo Dahl produziram o documentário *Copa União* que foi lançado em 2012. A produção conta com uma série de entrevistas com vários ex-jogadores do Flamengo e de outros times da época, dirigentes de vários clubes, jornalistas e empresários que estavam diretamente ligados à Copa União de 1987. As imagens são excelentes e o ambiente daquele universo é sentido pelo telespectador desde as primeiras cenas mostrando um Brasil no início da redemocratização e os problemas econômicos vivenciados no país naquele contexto nos anos 1980.

Para quem assiste ao documentário, parece que aquele foi o campeonato mais difícil que o Flamengo conquistou na sua história. Pois o nível dos adversários



RELICI

era elevado dentro e fora de campo literalmente. Passados 25 anos daquela competição, muitas pessoas da nova geração não presenciaram a conquista do “Campeonato Brasileiro de 1987”. Ou seja, era uma maneira de fazer o torcedor flamenguista sentir orgulho de conquistar aquele campeonato que a Justiça definiu que não era do Flamengo. Ao mesmo tempo, mostrar para a nova geração de flamenguistas que estava surgindo o que era aquele clube no seu passado. Em outras palavras, no cenário de adversidade do clube no início da década 2010, flamenguistas buscaram no seu passado de glórias motivos para se orgulhar no seu presente. O documentário está dividido em três partes: sendo a primeira as complicações e desafios para a organização do campeonato brasileiro de 1987; a segunda é sobre a trajetória do Flamengo na conquista do título; e finalmente na última parte as polêmicas e discussões sobre o que aconteceu após o jogo da final entre Flamengo e Internacional e as disputas judiciais que foram vencidas pelo Sport.

Nos próximos parágrafos iremos esboçar como foi o campeonato brasileiro de 1987 nos gramados. E em seguida descreveremos como é a narrativa feita pelos cineastas sobre a Copa União, dentro e fora dos campos, por meio do documentário produzido.

O “CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1987” DENTRO DE CAMPO

A chamada “Copa União” de 1987 teve a divisão de quatro módulos: Verde, Amarelo, Azul e Branco. Eram campeonatos separados no qual, comparado aos tempos atuais, cada um correspondesse as series A, B, C e D do Brasileirão. Inicialmente, o regulamento previa que o campeão do Módulo Verde seria o conquistador do título nacional de 1987. Por meio da intromissão da CBF que fez um acordo com o Clube dos 13, os dois primeiros colocados do Módulo Verde enfrentariam o os dois primeiros do Módulo Amarelo. Haveria um quadrangular final para decidir não apenas o campeão nacional, como os dois representantes brasileiros na Libertadores da América de 1988. O representante do Clube dos 13 que assinou o



RELICI

acordo era Eurico Miranda que, segundo ele, decidiu o que era melhor para todos sem o consentimento dos representantes do *Clube dos 13*.

O Módulo Verde, o principal do campeonato, teve 16 clubes divididos em dois grupos de oito. Na primeira etapa (8 rodadas) os clubes da chave A enfrentam os da chave B. Na segunda etapa, (entre a 9ª e 16ª rodada), os clubes se enfrentam dentro da mesma chave. No aspecto geral, os clubes vencedores de cada etapa classificam-se para as semifinais. Caso o mesmo clube seja o vencedor das duas etapas dentro do seu grupo, ele terá o direito de jogar por dois empates ou (resultados que somados nos dois jogos apontam empate) nas semifinais. Nos demais confrontos, em caso de empate nas somas dos placares, levaria a prorrogação e a disputa por pênaltis. A chance de um clube que não terminasse uma etapa em primeiro no seu grupo passar para as Semifinais dependeria justamente da possibilidade de outro clube ter sido campeão de ambas as etapas na sua chave. O curioso é que isto acabou acontecendo. O Atlético-MG conquistou as duas etapas do Grupo A (Palmeiras, Grêmio, Botafogo, Flamengo, Bahia, Santa Cruz e Corinthians). O Flamengo, por ter feito mais pontos na segunda etapa, foi o segundo classificado do grupo. Já o Internacional venceu a etapa 1 e o Cruzeiro terminou a etapa 2 do Grupo B (São Paulo, Fluminense, Vasco da Gama, Santos, Goiás e Coritiba) na frente.

Nas semifinais, o Flamengo venceu o Atlético-MG no Maracanã, Rio de Janeiro, por 1 a 0. O Internacional empatou em 0 x 0 com o Cruzeiro em Porto Alegre. Na rodada de volta, o Flamengo venceu o clube mineiro por 3 a 2 no Mineirão, em Belo Horizonte, e o Internacional venceu o Cruzeiro, também no mesmo local, por 1x0.

A final ficou decidida entre o Internacional e o Flamengo. No primeiro jogo, empate em 1 a 1, no estádio Beira-Rio, em Porto Alegre. Na partida de volta, no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, o Flamengo venceu por 1 a 0 e conquistou o título da Copa União (Troféu João Havelange). Pelo que foi entendido por todos os organizadores daquela competição, aquele jogo encerrava o verdadeiro Campeonato Brasileiro de 1987. Porém, como havia um regulamento em andamento, a competição



RELICI

não foi encerrada como era esperado. Ainda deveria acontecer um cruzamento com o Módulo Amarelo para fazer um quadrangular final.

O Módulo Amarelo teve um sistema semelhante ao do Módulo Verde. Os duelos das semifinais foram entre o Guarani e o Atletico-PR, e de outra disputa envolvendo o Sport e o Bangu. Depois de um empate sem gols na ida, em Curitiba, o time de Campinas venceu o Atletico-PR em casa no jogo da volta por 1 a 0. No outro confronto, os pernambucanos perderam para o Bangu por 3 a 2 na ida, no Rio de Janeiro. Mas no jogo da volta, em Recife, os pernambucanos deram o troca e venceram por 3 a 1. Resultado que na soma dos placares classificava o Sport para a final. O confronto entre ambos resultou, após o tempo normal e a prorrogação, numa disputa por pênaltis para decidir quem seria o campeão do módulo. Quando o confronto estava empatado em 11 a 11, houve uma paralização. Depois de uma série de conversas entre os árbitros e os dirigentes dos clubes, decidiu-se que ambos dividiriam o título e disputariam o quadrangular final contra o Flamengo e o Internacional, além de decidir quem seriam os representantes brasileiros na Libertadores de 1988.

Como Flamengo e Internacional, em comum acordo com o *Clube dos 13* não aceitaram participar do quadrangular final, seus pontos foram perdidos na condição de W.O. Nos confrontos entre o Guarani e Sport, em Campinas o jogo terminou empatado em 1 a 1. Mas na última rodada, em Recife, o Sport venceu por 1 a 0 com o gol marcado por Marco Antônio. Segundo a CBF, o Brasileiro de 1987 terminava com o Sport campeão. Mas pelo jeito, como trataremos nos próximos parágrafos, era só o “começo”.

O DOCUMENTÁRIO “COPA UNIÃO”

De início, os produtores apresentam para os espectadores o contexto histórico, político e econômico do Brasil em meados dos anos 1980. Manifestações e discursos pelas “Diretas Já”, em 1984. A vitória de Tancredo Neves e o fim da Ditadura Militar, em 1985. A morte dele, em abril daquele ano. A ascensão de José Sarney à



RELICI

presidência. A Inflação, o congelamento dos preços, os saques nas lojas, as “fiscais do Sarney” nos supermercados para impedir o aumento dos preços. Todo este cenário é apresentado nos primeiros minutos do documentário a fim de situar o que estava acontecendo.

O primeiro comentarista esportivo que surge em tela é Paulo Vinícios Coelho. Segundo ele, os problemas que envolveram a Copa União tiveram início no ano anterior, 1986. Naquele campeonato, ficou definido que os vinte oito clubes mais bem classificados jogariam a primeira divisão do Campeonato Brasileiro de 1987. O Coritiba, campeão nacional do ano anterior, não ficou mal classificado e seria rebaixado em 1987. Para evitar isso, entrou na Justiça Comum e conseguiu uma liminar. O mesmo aconteceu com o Botafogo (32º colocado) que entrou na Justiça Desportiva. Era o início da chamada “Virada de Mesa” no futebol brasileiro. Naquele cenário, a realização do Campeonato Brasileiro de 1987 era uma dúvida. O que praticamente virou certeza quando o presidente da CBF, Otávio Pinto Guimarães, anunciou publicamente que a instituição não tinha condições de organizar a competição naquele ano (COPA UNIÃO, 2012).

Carlos Miguel Aidar, presidente do São Paulo na época, conta que vários clubes se reuniram para organizar o campeonato. Surgia o chamado “Clube dos 13” (São Paulo, Palmeiras, Corinthians, Santos, Flamengo, Fluminense, Vasco da Gama, Botafogo, Internacional, Grêmio, Atlético-MG, Cruzeiro e Bahia). Estes clubes organizariam e jogariam o campeonato convidando mais três clubes de outros estados a fim de “expandir” a participação de mais equipes fora dos grandes centros. Com isso, foram convidados os campeões estaduais do Paraná, Goiás e Pernambuco de 1987: Coritiba, Goiás e Santa Cruz respectivamente. Ou seja, 16 clubes divididos em duas chaves de oito. Juca Kfoury lembra que houve injustiça com dois clubes que ficaram entre os quatro primeiros colocados no Campeonato Brasileiro de 1986, o Guarani e o América-RJ (COPA UNIÃO, 2012).

O *Clube dos 13* conquistou o interesse da Rede Globo que iniciou as negociações para transmitir os jogos da competição. Os produtores mostram a



RELICI

importância da participação de Armando Nogueira para fechar os acordos de transmissão juntamente com José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni. E Roberto Marinho, presidente e dono da Organizações Globo pessoalmente assinou o contrato juntamente com os demais dirigentes dos clubes (COPA UNIÃO, 2012).

Em meio ao processo de negociação para a criação da competição, a CBF resolve entrar em cena e faz uma divisão do campeonato em módulos: Verde, Amarelo, Azul e Branco. As equipes que terminarem a competição nas duas primeiras colocações dos módulos Verde e Amarelo participariam de um quadrangular final para decidir quem seriam os dois representantes do Brasil na Libertadores da América de 1988. O Módulo Verde era aquele nos quais estavam as equipes que estavam organizando o campeonato. Eurico Miranda, dirigente do Vasco da Gama e vice-presidente do *Clube dos 13*, foi enviado à CBF para uma reunião para tratar da competição. Ele assina um documento concordando que os vencedores dos módulos Verde e Amarelo fariam um quadrangular final e que a melhor equipe seria a campeã nacional de 1987. Porém, Eurico não tinha autorização do *Clube dos 13* para firmar tal acordo. No documentário, ao ser entrevistado, ele diz que “não aceita ordens de ninguém”. E pensava que fez o correto para “todos os lados” aos assinar o documento. Carlos Miguel Aidar chama Eurico Miranda de “traidor”. Os dirigentes das equipes do *Clube dos 13* decidem que não irão participar do quadrangular final independente de quem seja o campeão e o vice do Módulo Verde (COPA UNIÃO, 2012).

O momento seguinte é o acordo milionário feito com a *Coca-Cola* para patrocinar a Copa União. O contrato definia o valor de US\$ 17,5 milhões, além de cada clube receber o valor de US\$ 3 milhões para colocar o patrocínio na camisa. Jorge Giganti, responsável pelas operações da Coca-Cola no Brasil, disse que foi aplaudido por vários acionistas da empresa numa conferência realizada em Atlanta pela forma como fez a negociação.

Mas nem tudo parecia ser motivo de comemoração. Um presidente dos clubes teve que recusar assinar o contrato com a empresa estadunidense. Tratava-se de Paolo Odone, presidente do Grêmio. Por causa da rivalidade com o Internacional, a



RELICI

utilização do vermelho é proibida no clube. A solução foi permitir a utilização do slogan preto no uniforme tricolor do clube gaúcho. Outras equipes como Botafogo e Coritiba, utilizando o mesmo argumento sobre a cor em relação aos seus rivais, também adotaram o preto e o verde respectivamente (COPA UNIÃO, 2012).

Na sequência os vários comentaristas participantes do documentário fazem suas análises dos elencos das diversas equipes que disputaram a Copa União. A maioria dos clubes tinham grandes jogadores dos quais muitos ganharam e ganhariam destaque na história do futebol brasileiro. Apenas o Flamengo, teve vários jogadores que foram convocados para jogarem pela seleção brasileira em competições internacionais e amistosos. Cinco jogadores do elenco flamenguista fizeram parte da seleção brasileira que conquistou a Copa do Mundo de 1994 (Leonardo, Zinho, Jorginho, Aldair e Bebeto).

E como o foco do documentário é valorizar a conquista flamenguista, a narrativa aborda cada jogo do clube durante toda a competição mostrando alegrias, tristezas e dramas ao longo da campanha. Zico, o grande craque do time e jogador mais popular do país nos anos 1980, tem enorme destaque na campanha e, como convidado, comenta suas atuações e diversos temas relacionados à Copa União. Um dos temas destacados era o problema físico que ele vinha sofrendo desde tempos antes da Copa do Mundo de 1986 na América do Norte. Zico chegou ao México tentando se recuperar de lesões que havia sofrido no joelho. Na partida contra a França, nas quartas-de-finais em Guadalajara, ele entrou no segundo tempo e deu passe para Branco que o deixou na cara do gol, mas sofreu falta ao ser derrubado pelo goleiro francês. A partida estava empatada em 1 a 1 e Zico foi para a cobrança. Caso acertasse o Brasil faria 2 a 1 e terminando assim estaria classificado para as semifinais do mundial. Porém, Zico não fez uma boa cobrança de pênalti e o goleiro Joe Bats fez a defesa. O jogo terminou empatado e a decisão foi para as penalidades. Zico foi o terceiro a cobrar pelo lado brasileiro e desta vez converteu o pênalti em gol. Michel Platini, autor do gol francês, errou a sua cobrança de pênalti. Mas também foi



RELICI

o único a errar. Sócrates e Júlio César erraram suas cobranças para o Brasil e a França venceu por 4 a 3 nas penalidades. A seleção brasileira estava eliminada.

O esforço de Zico para disputar aquele mundial foi muito elogiado por comentaristas participantes do documentário e por diversos colunistas de jornais brasileiros da época, apensar do erro crasso ao perder o pênalti que custou a eliminação do Brasil na Copa do Mundo. O documentário mostra ao expectador uma das origens dos problemas físicos sentidos por Zico. Em agosto de 1985, o Flamengo enfrentaria o Bangu pelo Campeonato Carioca. A equipe banguense acabara de ser vice-campeã brasileira ao perder o título para o Coritiba. Num determinado lance, o zagueiro Márcio Nunes (Bangu) deu uma entrada dura em Zico. A consequência foi uma grave lesão em cada joelho e tornozelo do ídolo flamenguista. Numa reportagem da época (mostrada no documentário), Márcio Nunes alegava ter feito aquilo, pois “percebeu que o Zico daria uma entrada maldosa “nele. O próprio Zico ficou chateado com a declaração, pois “em nenhum momento daria uma entrada maldosa”. Após o episódio, o ídolo flamenguista passou por vários problemas físicos e durante a Copa União de 1987, ele passava horas buscando a sua recuperação como mostra o documentário. Os outros jogadores do elenco afirmavam que a dedicação do Zico para voltar à ótima forma física servia de exemplo para eles.

E no que se refere à importância do Zico dentro de campo, o documentário mostra que o Galinho foi muito importante para o grupo, também, no vestiário. O técnico do Flamengo era Carlinhos. E ele queria que Renato Gaúcho, um atacante, voltasse para marcar. Porém, o atleta se negava e dizia que “pode me tirar do time”. Durante uma reunião no vestiário, Carlinhos tentava constranger o jogador ao perguntar para cada atleta o que um achava da função do outro dentro de campo. Chegou um momento que o Zico intercedeu e disse para o treinador: “isso não funciona”. E aproveitou para dizer que seria melhor deixar o Renato Gaúcho livre no ataque e que ele faria a função de voltar para marcar. Dito e feito, os depoimentos dos jogadores do elenco na época eram de que a partir de então o Renato Gaúcho passou a ser mais decisivo para a equipe. E após mostrar mais lances do atacante, o



RELICI

documentário mostra imagens de garotas que eram fãs de Renato Gaúcho que pediam beijos e autógrafos do jogador durante os treinos do Flamengo (COPA UNIÃO, 2012).

Após uma fase de ascensão no campeonato, o Flamengo teve uma queda de rendimento e o jogo em que isto foi percebido foi a partida contra o Corinthians no Pacaembu, em São Paulo, na penúltima rodada terminada em 1 a 1. Na última rodada da 1ª Fase, o Flamengo ainda tinha chances de se classificar. O adversário era o Santa Cruz e o jogo seria realizado no Maracanã. A produção explora diversos lances dessa partida que teve Zico como grande protagonista ao marcar os três gols da vitória flamenguista. O mais antológico foi o terceiro, de falta, cobrado próximo à área adversária pelo lado esquerdo do goleiro. Buscando cobrar de maneira diferente, Zico bateu no canto direito do goleiro fazendo um dos gols de falta mais idolatrados na história do futebol brasileiro. O resultado foi 3 a 1. Segundo Paulo Vinicius Coelho, antes da cobrança da falta, Zé do Carmo (Santa Cruz) ficou olhando para trás ao invés de olhar a barreira. Ao ser chamado a atenção pelo goleiro Birigui, ele teria respondido: “Pô, Birigui, só você quer ver o gol do Zico? Eu também quero”. Após a partida, o Flamengo alcançou o segundo lugar na sua chave e conseguiu a vaga para as semifinais.

Uma curiosidade mencionada por Paulo Vinicius Coelho, é que na outra chave o jogo entre Santos e Cruzeiro, no Pacaembu, teve a presença da torcida do São Paulo que foi torcer a favor da equipe santista, pois uma derrota dos mineiros possibilitaria a classificação da equipe paulistana para a semifinal. Mas o Cruzeiro venceu por 1 a 0 e passou para a fase seguinte (COPA UNIÃO, 2012).

Nas semifinais, o Flamengo enfrentaria o Atlético-MG e o Cruzeiro jogaria contra o Internacional. Na partida de ida no Maracanã, com grande público, o Flamengo venceu a partida por 1 a 0. No jogo de volta, bastava o Flamengo empatar para se classificar. Os cariocas abriram o placar no primeiro tempo com um gol de Zico de cabeça, após o cruzamento de Bebeto pela direita. Minutos depois, Bebeto ampliou o placar para 2 a 0. Parecia um cenário tranquilo, mas no segundo tempo os



RELICI

mineiros conseguiram empatar o jogo. Por ter feito a melhor campanha terminando em primeiro na sua chave nas duas etapas da primeira fase, caso virasse o jogo e vencesse por 3 a 2, o Atlético-MG se classificaria mesmo com o placar agregado empatado. Os mineiros estavam pressionando o tempo todo e o Flamengo parecia não ter mais condições físicas de reagir. Até que em um contra-ataque Renato Gaúcho partiu em velocidade ganhando a disputa com o marcador, driblou o goleiro e fez o terceiro gol para o clube do Rio de Janeiro. No final o Flamengo venceu por 3 a 2 e se classificou para a final. Os diversos lances da partida foram comentados pelos jogadores, inclusive por Renato Gaúcho explicando como foi o seu gol decisivo. Os produtores também exploraram a rivalidade entre os dois times iniciada na decisão do Campeonato Brasileiro de 1980 e no polêmico confronto em Goiânia, em 1981, na Libertadores da América que eliminou o Atlético-MG após um jogo violento de ambos os lados. Ou seja, toda a ambientação vivenciada naqueles dois confrontos.

Os jornais mineiros da época acreditavam que a final seria entre o Cruzeiro e o Atlético-MG pelo desempenho das duas equipes na primeira fase da competição. Porém, assim como os atleticanos foram eliminados, o Cruzeiro perdeu para o Internacional em casa por 1 a 0 (nos acréscimos), após o empate sem gols na ida em Porto Alegre. Quando os colorados apareciam em cena no documentário, o ex-goleiro Taffarel era quem fala pelo clube nas questões que aconteceram dentro de campo. Nos temas extra-campo, Fernando Carvalho fala pelo Internacional, sendo que ele era dirigente do clube em 1987. Entre 2003 e 2007, ele seria o presidente do clube na era vitoriosa de grandes títulos como a Libertadores da América e o Mundial de Clubes da FIFA (ambos em 2006).

No primeiro jogo no estádio do Beira-Rio, em Porto Alegre, Renato Gaúcho (ídolo do Grêmio) estava sendo provocado pela torcida colorada o tempo todo. Até que, ainda no primeiro tempo, ele acerta um cruzamento pela direita e Bebeto converte de cabeça. Mas, passados poucos minutos, numa jogada na área flamenguista, Amarildo acertou o chute e empatou para a equipe gaúcha. Durante o documentário os ex-jogadores comentam os lances de cada gol. No segundo tempo, num



RELICI

cruzamento pela direita, Bebeto faz uma linda bicicleta que fez a bola bater no travessão. O lance é narrado por ele e acrescenta que nunca mais tinha visto aquele lance na televisão ou tempos depois na internet. Mas os produtores conseguiram as imagens e apresentaram para ele que ficou entusiasmado de ter revisto a jogada.

A segunda partida aconteceria no Rio de Janeiro no estádio do Maracanã. Era 13 de dezembro e uma forte chuva estava deixando o ambiente difícil para uma partida de futebol, tanto para os jogadores quanto para a torcida. Durante o documentário, os ex-jogadores comentam que o presidente Marcio Braga foi ao vestiário do Flamengo perguntar para eles se a partida deveria ser adiada. E eles responderam que “não”. Ou seja, teria jogo. Imagens mostram a festa no gramado antes da partida. Moças bonitas dançando, a torcida flamenguista cantando e toda a energia positiva naquele domingo de chuva. Após o apito inicial, cada lance é comentado pelos ex-jogadores do Flamengo. Um episódio curioso é que um urubu pousou dentro do campo durante a partida. Renato Gaúcho conseguiu pegar a ave e a levou para fora do gramado. Durante a transmissão da Rede Globo, Galvão Bueno chama a atenção para o fato de a ave mascote do Flamengo fazer parte do jogo.

Ainda no primeiro tempo, numa bela jogada trabalhada, Andrade dá um passe para Bebeto na entrada da área que ao ser mais rápido que Taffarel dá um toque na bola que entra delicadamente para dentro do gol. A jogada é descrita por ambos no documentário. Nos lances seguintes, a produção cria um clima de batalha épica. No fim, o goleiro Zé Carlos pega a bola e ao ver que o árbitro José de Assis Aragão faz um sinal de “dá pra mim” a entrega. Então o árbitro apita o jogo e o Flamengo era campeão da Copa União. Ou melhor, tetra campeão brasileiro. Festa da torcida no estádio, nas ruas e em todo o país. As imagens mostram o tamanho que foi aquela conquista.

No trecho final do documentário, toda a atenção é voltada para os bastidores após a conquista do título pelo Flamengo. Reportagens da época mostram que a situação era complexa. Afinal, deveria acontecer um quadrangular final entre Flamengo, Internacional (campeão e vice do Módulo Verde), Sport e Guarani (que



RELICI

dividiram o título do Módulo Amarelo). Os dirigentes ligados ao *Clube dos 13* da época, de diferentes equipes, afirmavam que nenhum clube do Módulo Verde participaria do quadrangular final. Um vídeo de Eurico Miranda (o responsável pela assinatura sem consentimento do *Clube dos 13*) naquele contexto de fim de campeonato mostra o dirigente vascaíno afirmando que o Flamengo era o campeão brasileiro de 1987. Da mesma forma que o conselho arbitral dos clubes também reconheceu a equipe carioca como campeã, assim como o Conselho Nacional de Desportos de forma unânime (COPA UNIÃO, Gustavo 2012).

Segundo Clóvis Sahione (jurídico do Flamengo em 1988), politicamente a CBF decretou o Sport campeão para não perder votos na próxima eleição da entidade das federações do Norte e Nordeste. Isto porque, o Sport, assim como o Guarani, jogaram o quadrangular final. Nos confrontos contra o Flamengo e o Internacional, como as equipes não compareceram, venceram por W.O. No documentário, o ex-jogador Estevão Soares, zagueiro do Sport, fala que ainda bem que o Flamengo não apareceu. Disse que os jogadores da equipe pernambucana estavam muito preocupados e temerários por enfrentar uma equipe tão forte como o Flamengo. Já nos confrontos entre o Guarani e o Sport, 1 a 1, em Campinas, e 1 a 0 para os pernambucanos, em Recife. Com isso, o Sport conquistava o título do Campeonato Brasileiro de 1987, segundo a CBF. O documentário mostra que nos meses seguintes a discussão sobre quem de fato foi o campeão gerou enorme tensão envolvendo disputas na Justiça e o *Clube dos 13*. Afinal, o título deveria ser dividido? (COPA UNIÃO, 2012).

A produção menciona que em 1997, ou seja, dez anos depois, o Sport manifestou o interesse de fazer parte do *Clube dos 13*. Por ser um dos membros o Flamengo tinha poder de veto, mas condicionou a entrada do clube pernambucano se ele aceitasse dividir o título de 1987. Os dirigentes do Sport teriam aceitado e uma ata na reunião da entidade foi elaborada e deveria ser enviada para a CBF. A partir de então, o assunto não é mais explorado no documentário.



RELICI

A última questão mencionada envolvia a Taça das Bolinhas. Criada em 1975, sob a guarda da Caixa Econômica Federal, a taça deveria ser entregue definitivamente para o primeiro clube que fosse campeão por três vezes seguidas ou cinco alternadas do campeonato brasileiro. Sendo o vencedor de 1987, o Flamengo conquistou o quinto título em 1992. Mas por causa do reconhecimento da CBF e da Justiça em relação ao título do Sport no campeonato de 1987, a Taça das Bolinhas não foi entregue ao clube carioca. Em 2007, o São Paulo conquistou o seu quinto título brasileiro. Assim, oficialmente seria o primeiro penta campeão e teria o direito de receber o troféu. Em fevereiro de 2011, a Caixa Econômica enviou a Taça das Bolinhas para o São Paulo. Mas, os paulistas tiveram que devolver semanas depois por causa de uma ação judicial de busca e apreensão de autoria do jurídico do Flamengo. Isto porque, a CBF acabará de reconhecer o clube carioca como o campeão brasileiro de 1987. Dentre os entrevistados pelos produtores, um dos principais membros do São Paulo, Marco Aurélio Cunha, disse que se judicialmente o Sport é o campeão de 1987, o São Paulo “é o único penta campeão brasileiro” e por isso “deveria ficar com a Taça das Bolinhas” (COPA UNIÃO, 2012).

Todos os comentaristas que são entrevistados no documentário contestam o ponto de vista do São Paulo, ainda mais por ter sido este um dos clubes protagonistas na organização da Copa União de 1987 e, por meio do então presidente Carlos Miguel Aidar, liderar o movimento do *Clube dos 13* de não aceitar o cruzamento dos módulos verde e amarelo e reconhecendo o Flamengo como o verdadeiro campeão brasileiro de 1987. Rica Perrone, jornalista esportivo e torcedor são paulino, é um dos entrevistados e defende que o São Paulo deve deixar a Taça das Bolinhas ir para o Flamengo. Mas o verdadeiro destino do troféu não é mostrado no documentário (COPA UNIÃO, 2012).

Nas últimas cenas, várias pessoas que foram entrevistadas fazem referência à Copa União e exaltam a conquista do Flamengo.



RELICI

ALÉM DO DOCUMENTÁRIO: O PÓS-COPA UNIÃO

Na mesma semana na qual o Flamengo conquistou a Copa União, Nabi Abi Chedid, vice-presidente da CBF, avisa publicamente a necessidade do Campeonato Brasileiro terminar com o regulamento cumprido tendo o cruzamento entre os módulos verde e amarelo. E disse que haveria um conselho arbitral a fim de resolver a questão e tratar do Campeonato de 1988. Dois dias depois, os dirigentes do *Clube dos 13* se reuniam e ratificam que são contra o cruzamento. Logo a CBF divulga o calendário do quadrangular final que seria realizado nos meses de janeiro e fevereiro de 1988. E ela entraria em contato com o CND pedindo autorização para que o campeonato “ultrapassasse” o ano de 1987 para encerrar a competição. Mas era necessário que o conselho arbitral do campeonato fosse convocado para resolver a questão. O CND exigiu que o conselho arbitral com a participação dos clubes ocorresse antes da realização do quadrangular final. O próprio CND definia que os clubes melhor classificados no Campeonato Brasileiro de 1986 teriam o voto qualificado durante o conselho arbitral. O Sport não concordou e entrou na Justiça. Pois, além de não ter sido bem classificado no ano anterior, sabia da pretensão do *Clube dos 13* de consagrar o Flamengo campeão.

No Recife, o Juiz da 1ª Vara Federal de Pernambuco, Genival Matias de Oliveira, concede liminar ao Sport determinando que a CBF não acate uma possível decisão do conselho arbitral de alterar o regulamento do Campeonato Brasileiro de 1987, a não ser que a decisão seja unânime entre os membros (Gallindo; Zirpoli, 2017).

Quando acontece a reunião, por 375 votos contra 104, o conselho arbitral decide que o Campeonato Brasileiro de 1987 foi encerrado em 13 de dezembro. Levando em consideração que a decisão não foi unanime, Nabi Abi Chedid disse que consultaria o CND e manteria as datas da realização do quadrangular final com base na liminar conseguida pelo Sport. Ele ameaçou o Flamengo de punição se ele realizasse um jogo amistoso para receber a faixa de campeão da seleção da Costa do Marfim que aconteceria na mesma data do quadrangular final. Mas, de nada



RELICI

adiantou. Jogando no estádio da Gávea, o Flamengo derrotou a Costa do Marfim por 3 a 0. Enquanto isso, o quadrangular final acontecia com a ausência de Flamengo e Internacional perdendo seus jogos por W.O (Cardoso, 2017).

No final de janeiro de 1988, às vésperas da decisão entre Guarani e Sport para definir o campeão brasileiro de 1987, a CBF fez uma reunião na sua sede com todos os presidentes das federações estaduais de futebol (apenas Pernambuco e Rio Grande do Sul não estavam presentes). Uma das pautas era examinar uma punição ao Flamengo e ao Internacional por não cumprirem com o regulamento. Vários torcedores flamenguistas estavam do lado de fora do prédio fazendo protestos contra a instituição (Cardoso, 2017). No mesmo dia, o clube carioca entrou com uma ação na Justiça Comum para não ser obrigado a jogar o cruzamento entre os campeões e vice dos módulos amarelo e verde e conseguiu. Por ter entrado na Justiça Comum, a CBF ameaçou punir o Flamengo.

Nas semanas seguintes, após o título do Sport, a CBF declarou o clube pernambucano como o campeão brasileiro. Já o *Clube dos 13* reconhecia o Flamengo como campeão nacional de 1987. Em maio de 1988, o Conselho Nacional de Desportos (CND) se posicionou favoravelmente ao Flamengo e ao *Clube dos 13*. João Havelange, presidente da FIFA, demonstrou insatisfação com a CBF alegando que a instituição deveria impor a sua hierarquia de liderança e instituição futebolística mais poderosa do Brasil para resolver a questão e declarar o Sport e o Guarani como campeão e vice do Campeonato Brasileiro de 1987 respectivamente, ao invés do CND. Em meio as questões judiciais da época, a CBF indicou o Sport e o Guarani como representantes da Libertadores da América de 1988, sendo que o CND discordou. Os dois clubes estrearam na competição continental em julho daquele ano (Gallindo; Zirpoli, 2017).

No segundo semestre foi lançado o álbum de figurinhas do Campeonato Brasileiro de 1988 produzido pela Editora Abril. Nele consta a informação de que o Flamengo é o atual campeão nacional. Não concordando com a aquilo os dirigentes do Sport entram na Justiça e conseguem retirar de circulação e comercialização os



RELICI

álbuns das bancas de todo o país (Gallindo; Zirpoli, 2017). Tal situação já demonstrava que o Brasileiro de 1987 estava longe de “ficar no passado” e seria assunto por muitos anos. E, em meio às ações na Justiça envolvendo o Sport, o Guarani, o Flamengo, o Internacional e o *Clube dos 13*, os campeonatos brasileiros dos anos seguintes aconteceram sem maiores problemas até 1993. Em maio de 1994, a 10ª Vara da Justiça Federal de Pernambuco emitiu uma sentença declarando o Sport como campeão brasileiro de 1987. Esta ação é consequência de uma medida cautelar iniciada pelo Sport, em janeiro de 1988, antes mesmo de ter decidido o campeonato contra o Guarani em campo. Isto porque havia a questão de o regulamento ter sido modificado caso a decisão fosse unânime entre os membros do conselho arbitral. Nestas situações o Flamengo teve oportunidades para recorrer e fazer uma apelação, mas não o fez. A União, na condição de ser representada pelo CND, entrou com recurso, mas insurge-se contra o dispositivo que a condena pagar custas e honorários de advogados.

Em 1997, o *Clube dos 13* passava a chamar a atenção de outras equipes. Uma destas era o Sport. Uma reunião realizada com todos os membros, em junho, permitiu a entrada de Coritiba, Goiás e Sport na entidade. Em meio às negociações políticas, os dirigentes aceitaram reconhecer o Flamengo e o Sport como campeões brasileiros de 1987. Assim como o Internacional e o Guarani como vice-campeões. O assunto fez parte de um ofício enviado para a CBF por meio do presidente do *Clube dos 13*, Fábio Koff (Cardoso, 2017).

Passaram-se treze anos e o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, emite uma resolução pela qual “ficam reconhecidos como campeões brasileiros os clubes que venceram a disputa da Taça Brasil de 1959 a 1968 e pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa/Taça de Prata entre 1967 e 1970”. Santos, Palmeiras, Botafogo, Cruzeiro e Bahia foram beneficiados nesta resolução tendo seus títulos reconhecidos. Neste contexto, a CBF reconhece o título do Flamengo, também, como campeão brasileiro de 1987. O Sport, requer o desarquivamento do processo que movera contra a CBF, em 1988. O clube pernambucano apresenta interpelação judicial contra Ricardo



RELICI

Teixeira. O Flamengo passa a atuar por vias judiciais e a polêmica sobre o Campeonato Brasileiro de 1987 ganha novas proporções. Em 2017, depois de três décadas envolvendo ações judiciais que também passaram pelo STJ, a questão foi ser decidida no Supremo Tribunal Federal quando a primeira turma, por três votos a um, não acolheu o recurso extraordinário do Flamengo. O voto vencido foi do ministro Luís Roberto Barroso. Os outros três que decidiram contra o clube carioca eram Rosa Weber, Alexandre de Moraes e Luís Roberto Barroso.

Em 2024, após a CBF fazer um recurso contra a decisão do Tribunal Regional da 5ª região (TRF-5) que declarou o Sport Club Recife como único campeão brasileiro de futebol de 1987, o assunto voltou à tona. O “Recurso Extraordinário com Agravo” foi apresentado contra a decisão que invalidou uma resolução da própria CBF, de 2011, reconhecendo o Flamengo e o Sport como campeões brasileiros de 1987 em conjunto. O ministro Flavio Dino, considerou inviável o recurso da Confederação Brasileira de Futebol. Alegou que a CBF “pressupõem o exame de normas não constitucionais, o que também é inviável neste tipo de ação”. Ou seja, judicialmente o Sport é o único campeão brasileiro de 1987.

A TAÇA DAS BOLINHAS

Segundo Paulo Vinícios Coelho, em 1975, a Caixa Econômica Federal criou a Taça Brasil, que ficou popularmente conhecida como a Taça das Bolinhas. O troféu seria entregue definitivamente ao clube que conquistasse o Campeonato Brasileiro por três vezes seguidas ou cinco vezes alternadas. Entre 1975 e 1992 todos os campeões receberam uma réplica deste troféu.

Por causa da polêmica envolvendo a Copa União de 1987, existe uma discussão sobre quem deveria ter a posse definitiva da Taça. O Flamengo havia conquistado os títulos brasileiros nos anos de 1980, 1982, 1983 e 1987. Em 1992, conquistou seu quinto título. Porém, a CBF não reconhecia o título de 1987, pois ela considerava o Sport campeão. Durante muito tempo, a questão sobre a Taça das Bolinhas ficou “congelada” até outubro de 2007. Neste ano o São Paulo conquistava



RELICI

o seu quinto título brasileiro (antes ganhara em 1977, 1986, 1991 e 2006). Em fevereiro de 2011, a CBF, por meio da Caixa Econômica Federal, enviou a Taça das Bolinhas para o São Paulo que na época era presidido por Juvenal Juvêncio. Com direito a fotos de Rogerio Ceni e Zetti, o clube paulista exaltou o feito. Semanas depois, a CBF reconheceu o Flamengo como campeão brasileiro de 1987. No dia seguinte a Justiça determinou que o São Paulo devolvesse a Taças das Bolinhas para a Caixa Econômica Federal. Mesmo buscando revogar a decisão, o clube paulista devolveu a taça por causa de questões jurídicas.

Em 2019, a Justiça determinou que a Caixa Econômica Federal enviasse a Taça das Bolinhas para a CBF. Mas como não havia um prazo estipulado, a taça nunca foi entregue. Enquanto isso o Flamengo buscava o reconhecimento pelo título nacional de 1987. Mas, em maio de 2024, a justiça negou o pedido do clube carioca e manteve a o reconhecimento do Sport como o único campeão brasileiro de 1987. E o que isto refletiria sobre a Taça das Bolinhas? O São Paulo é o primeiro penta campeão e deve ficar com a taça? A resposta é não. Segundo Paulo Vinícios Coelho, o último campeonato no qual o campeão brasileiro recebeu uma réplica da Taça das Bolinhas foi o Flamengo de 1992. A partir do ano seguinte, a réplica da taça não seria mais entregue a nenhum campeão. Sendo assim, a Taça das Bolinhas “não deveria ir para lugar nenhum”.

Como autor deste artigo, manifesto ao leitor que sou são paulino e historiador. Mas como me sinto na ética e racionalmente mais historiador do que torcedor do São Paulo Futebol Clube, acredito que a Taça das Bolinhas não deve ficar com o clube paulista por diversos motivos. Em 1987, o São Paulo ajudou organizar o campeonato e como membro do *Clube dos 13* foi contra o cruzamento entre os módulos verde e amarelo e defendeu que o Flamengo é o campeão brasileiro daquele ano. Como ele fez este reconhecimento, o Flamengo é o primeiro penta campeão brasileiro e deve ficar com a Taça das Bolinhas em definitivo. Mas como defender isso se a Justiça reconhece o Sport como o único campeão brasileiro de 1987? E, assim sendo, o São Paulo teria por direito o reconhecimento de ser o primeiro penta campeão e por isso



RELICI

ter a posse definitiva da Taça das Bolinhas? A melhor resposta sobre este assunto foi dita pelo jornalista Juca Kfoury ao parafrasear um importante jurista uruguaio chamado Eduardo Juan Couture: “entre escolher o que é justo e o que é de direito, escolha ser justo” (UOL ESPORTE, 2019).

A ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO “COPA UNIÃO”

Do ponto de vista estético e narrativo, o documentário *Copa União* é ótimo para entretenimento e, também, para o perfil de um espectador acostumado a este gênero de cinema. O assunto tratado em determinado momento contempla com imagens do período (1986, 1987 e 1988) e o momento em que a película está sendo produzida. A maior parte dos principais “personagens” (dirigentes, treinadores, atletas, jornalistas) que estiveram ligados à competição são entrevistados e emitem suas opiniões sobre todo o contexto dentro e fora dos gramados. As imagens de arquivo, passando pelos bastidores, a formação do *Clube dos 13*, o contrato com a *Coca-Cola*, as negociações com a Rede Globo, as transmissões dos jogos, as reportagens da época, tudo deixa o espectador sintonizado no assunto. São cento e dez minutos de documentário que proporciona a sensação que “passou rápido”.

Mas é importante fazer uma análise mais sistemática do conteúdo da produção. Logo de início os diretores acertam ao mostrar como era o Brasil nos anos 1980, trazendo imagens das “Diretas Já”, a eleição indireta de Tancredo Neves e a sua morte, a posse de Jose Sarney como presidente da república, a inflação, a violência social e a formação da constituinte que criaria a Constituição. E para tratar dos problemas que deram origem à *Copa União* de 1987, mostra-se os debates, ainda no ano de 1986, em relação à quantidade de clubes que estariam na primeira divisão do Campeonato Brasileiro de 1987. Os 28 clubes (a competição tinha 42) melhor classificados no campeonato de 1986 garantiriam a vaga para a competição do ano seguinte. Sem entrar em muitos detalhes, o filme mostra que alguns clubes se sentiram prejudicados durante a competição e decidiram agir judicialmente. O caso mais comum era o do Coritiba.



RELICI

Outros clubes grandes como o Vasco e o Botafogo agiram, a sua maneira, nos bastidores. Este último mesmo não conseguiu ficar entre os 28 para garantir a vaga na primeira divisão. Acredito que o documentário poderia ter sido mais detalhista a este respeito e ter explicado cronologicamente o que aconteceu durante o Campeonato Brasileiro de 1986 (a divisão dos grupos, regras para o rebaixamento, punições e ajustamentos) para entender mais profundamente o tamanho do problema e a falta de organização da CBF. Como o caso da perda de pontos do Sergipe para o Joinville, pois um jogador do clube nordestino foi pego no exame antidoping (na época isto causava perda de pontos para o clube). Com isso, a equipe catarinense ultrapassaria o Vasco e deixaria o time carioca fora dos 28 primeiros colocados. O clube carioca entrou na Justiça Desportiva alegando que o médico errou ao expor publicamente o resultado do exame do jogador do Sergipe e, por isso, os pontos não poderiam ir para o Sergipe. A denúncia foi acatada, mas isto abriu brechas para outras ações judiciais impetradas por outros clubes que se sentiram prejudicados. E outra questão que poderia ter sido apresentada no documentário era o histórico do Campeonato Brasileiro de ser “inflado”. Por exemplo, em 1979 havia 94 clubes na competição. Isto era um problema histórico e que, até então, nunca era resolvido de fato pela CBF.

No que se refere à campanha do Flamengo, o documentário poderia sintonizar o espectador ao colocar a pontuação da equipe, jogo a jogo, para dar dimensão de como foi a dificuldade para chegar à segunda fase. Afinal, nas primeiras rodadas o Flamengo não fez muitos pontos e apenas cresceu na metade da primeira fase. O último jogo contra o Santa Cruz merecia ter uma tabela apresentada ao espectador a fim de perceber que outros resultados da rodada poderiam influenciar na classificação. O documentário também não explica porque o Atlético-MG decidiu o segundo jogo das semifinais e a vantagem que ele tinha por dois placares com soma de dois iguais, colocando-o na final. Sem dúvida algo que traria mais emoção para o espectador, ao perceber que a vantagem rubro-negra de 2 a 0, diminuída pelo empate do time mineiro



RELICI

em 2 a 2, correria o risco de ter um final épico para o Clube Atlético. Já os dois confrontos finais contra o Internacional, foram muito bem explorados.

A terceira parte é a que mais chama a atenção do espectador, pois trata-se dos bastidores e toda a polêmica do que aconteceu após a decisão da *Copa União*. A recusa do *Clube dos 13* de jogar o quadrangular final, a questão do conselho arbitral, as disputas na justiça, a possibilidade de haver a divisão do título entre o Flamengo e o Sport, a Taça das Bolinhas “abocanhada” pelo São Paulo e alegria dos flamenguistas que memorizavam a façanha dentro de campo de ter sido o “verdadeiro campeão de 1987”. Porém, questões importantes ficaram de fora. Primeiro, não é feita nenhuma explicação sobre o motivo do jurídico do Flamengo pouco ter agido na defesa do título, principalmente quando tinha condições de entrar com recurso dentro do prazo em várias situações, como a sentença judicial de maio de 1994 declarando o Sport como o único campeão de 1987. Aliás, nas décadas seguintes, até mesmo na disputa pela posse definitiva da Taça das Bolinhas contra o São Paulo, o Flamengo agiu pouco judicialmente para defender o seu interesse de ser reconhecido como o verdadeiro campeão.

O ponto de vista dos ex-jogadores do Flamengo de não participar do quadrangular final e de não ter o título reconhecido pela CBF é pouco explorado. Em nenhum momento algum ex-atleta é indagado a falar se eles gostariam de ter participado do quadrangular final e encarar dentro de campo o Sport, como a opinião de ex-atletas do Guarani, Internacional e do clube pernambucano são abordados a este respeito. A única fala sobre isto que causa impacto é a do Estevão Soares (ex-jogador do Sport) que mostra felicidade ao dizer “ainda bem que o Flamengo não foi jogar contra a gente, sabíamos que era difícil enfrentá-los”. Por outro lado, Bebeto, protagonista na conquista da Copa União, chegou a dizer numa entrevista que não está no documentário, que queria enfrentar o Sport (PERRONE, 2023). Algo que poderia ter sido apresentado no documentário, já que o próprio Bebeto foi um dos entrevistados pelos diretores.



RELICI

Por se tratar de um documentário voltado para valorizar a conquista do Flamengo, pouco foi explorado em relação ao ponto de vista do Sport. Numa entrevista concedida em 2007, o presidente do Sport de 1987, Homero Lacerda, faz uma série de críticas à CBF, ao presidente do Flamengo de 1987 (que no momento da entrevista também era presidente do clube), Márcio Braga, e a Rede Globo que transmitiu a Copa União de forma exclusiva. Segundo Lacerda, 32 clubes tinham direito adquirido de participar da primeira divisão de 1987. Mas como a CBF não organizou a competição, o *Clube dos 13* “tomou a competição para si” e “priorizando uma certa elite” fazendo um campeonato com dezesseis clubes. Sendo assim, a CBF elaborou um outro módulo com dezesseis clubes e definiu um cruzamento entre os módulos verde e amarelo. Para ele, “chamar o módulo amarelo de segunda divisão era ridículo”. Como o Flamengo e o Internacional não quiseram jogar o quadrangular e perderam por W.O, o Sport e o Guarani foram os campeões e vice de 1987 (Cleudson Braz, 1986).

Por ser um documentário que valorize e defenda a conquista do Flamengo, deveria se fazer um contraponto ao que os dirigentes do Sport defendiam. Primeiro argumento, na organização do Campeonato Brasileiro de 1986, que tinha previstos 44 clubes, mais 4 do Torneio Paralelo (que tinha 36 equipes). A segunda fase teria 32 clubes (entre os 44) divididos em quatro grupos de 8 equipes. Apenas os seis primeiros de cada ficariam na primeira divisão no ano seguinte, totalizando 24 equipes. As duas equipes restantes de cada grupo ficariam para a segunda divisão a partir de 1987. Por estes critérios, o Sport não estaria classificado para primeira divisão, pois terminou em 28º.

O segundo argumento é que o *Clube dos 13*, na elaboração da Copa União de 1987, convidou mais três equipes para participar da competição a fim de diversificar o cenário geográfico de onde os clubes eram. Decidiu-se pelo convite aos times que fossem os campeões estaduais do Paraná, Goiás e Pernambuco no primeiro semestre de 1987. Coritiba, Goiás e Santa Cruz foram os vitoriosos. Caso o Sport fosse o campeão em Pernambuco, ele teria disputado a Copa União. O terceiro argumento é



RELICI

de que o CND não permitia que as competições terminassem no ano seguinte. O quadrangular final aconteceu em janeiro de 1988. Ou seja, fora da data legalmente permitida. Pois deveria ter sido encerrado em dezembro de 1987. O quarto argumento é que o Flamengo deixou de arrecadar muito dinheiro por não ter participado do quadrangular final. A média de público em todo o campeonato foi muito acima do que o esperado durante a Copa União. Jogar no Maracanã um quadrangular final de Campeonato Brasileiro certamente teria recorde de público e dinheiro para os cofres do Flamengo. E o quinto argumento, por que o Sport cedeu para o Flamengo, ao assinar uma ata, em 1997, concordando em dividir o título do Campeonato Brasileiro de 1987 para entrar no *Clube dos 13*?

Independentemente de ser uma produção cinematográfica que busque exaltar a conquista do Flamengo e, ao mesmo tempo, argumentar o motivo de ser reconhecido como o campeão brasileiro de 1987 de forma legítima, o documentário *Copa União* deve ser visto por qualquer torcedor apaixonado por futebol. Assim como cineastas e historiadores. Para os fãs do futebol, ser espectador deste filme proporciona a experiência de ter visto dentro de campo um dos grandes momentos da história do futebol brasileiro dentro de campo. Para os cineastas, o filme proporciona a experiência de ver o futebol como um objeto que ajuda entender o Brasil, de forma política, econômica, cultural e social, na época que está sendo estudado. E para os historiadores, a produção permite entender a Copa União como um fato histórico que envolveu interesses, identidades de clubes, narrativas e representações do passado. Um prato cheio para os fãs da pesquisa histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema é uma das formas de entretenimento mais bem sucedidas da história. E no universo do futebol, a relação mais poderosa com o torcedor tem o cinema como seu maior instrumento de memória. E o melhor tipo de cinema que se relaciona com o futebol é o documentário. Nas últimas décadas o aumento de



RELICI

documentários sobre algo relacionado ao futebol aumentou consideravelmente e muitos estão disponíveis em serviços de streaming.

Quando um documentário se trata de um determinado clube, a narrativa contada transforma dramas em conquistas como é o caso de várias produções feitas nos últimos vinte anos. Como são os casos dos filmes: *Batalha dos Aflitos* (2006), sobre a ascensão do Grêmio num jogo dramático fora de casa contra o Náutico; *Soberano* (2010) e *Soberano 2* (2012), sobre os seis títulos brasileiros do São Paulo e a conquista do tricampeonato mundial, em 2005, contra o Liverpool da Inglaterra; e o *Dia do Galo* (2014) sobre o dia que o Atlético-MG conquistou o seu primeiro título de Libertadores da América, em 2013. Mas no caso da produção *Copa União* a situação é diferente. Amplamente contextualizado, o documentário provoca uma série de discussões que seriam passíveis de transformar o Campeonato Brasileiro de 1987 numa minissérie premiada tendo o direito como pano de fundo. Uma produção que não interessa apenas ao Flamengo e ao Sport, mas aos estudiosos sobre futebol no Brasil. Certamente um filme que, após a cena final, estimula a pesquisa, o debate e o interesse de quem gosta de tratar de temas complexos.

Do ponto de vista jurídico, o Sport é o campeão brasileiro de 1987. Talvez no direito seja fácil interpretar assim, pois o regulamento foi seguido. Flamengo e Internacional não cumpriram com o regulamento. Não jogaram o quadrangular final contra o Sport e o Guarani. O direito entende assim. Mas, para quem gosta de história e busca entender o assunto, seja por meio de livros, jornais, depoimentos e documentários, declarar o Sport campeão não é tão simples assim. Talvez, seja mais justo dividir o título. Como isso provavelmente não irá acontecer, sempre haverá o confronto de narrativas, pois lacunas foram deixadas. E documentários são instrumentos de narrativas. Sendo assim, a *Copa União* é uma ótima produção que faz bom uso da argumentação para defender uma narrativa a favor do Flamengo, mesmo que o espectador não concorde. E deve ser vista não apenas pelos flamenguistas, mas por aqueles que se interessam pelo futebol, pelo direito, pelo



RELICI

200

cinema e por quem curte estudar história. Uma produção cinematográfica brasileira que merece ser mais conhecida em nosso país.

REFERÊNCIAS

Acervo Folha de S.Paulo <<https://acervo.folha.com.br/index.do>>. Acesso em: 27.06.2025

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução: Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

CARDOSO, Pablo Duarte. 1987: a história definitiva. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Maquinaria, 2017.

Cleudson Braz. *Milton Neves entrevista Homero Lacerda sobre Brasileirão de 1987*. 24min. Publicado em 13 de agosto de 1986. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zyTcB2sATuw>. Acesso em: 16 de junho de 2025).

COPA UNIÃO. Direção: Gustavo Dahl e Raphael Vieira. Rio de Janeiro. Fla Filmes, Brasil. DVD, 29 de maio de 2012.

FRANÇA, Andreia. "O Cinema Entre a memória E O Documental". *Intexto*, nº 19, março de 2009, p. 18-31, <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/7999>.

GALLINDO, André; ZIRPOLI, Cassio. 1987 de fato, de direito e de cabeça. 1ª Ed. Onze Cultural, 2017.

ISSOVSKY, Mauricio. O que fazem as fotografias quando não estamos olhando para elas? In: BARRENECHEA, M. A. (Org) *As dobras da memória*. Rio de Janeiro: Ed. Contracapa, 2008.

MEDEIROS, Julian Andrey Muniz; Cassio dos santos. Memórias e identidades de times de futebol nos documentários da G7 Cinema. In: XLVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023, Belo Horizonte/MG. Nacional 2023 - Grupos de pesquisa, 2023.

MOMBELLI, N. F.; TOMAIM, C. D. S. Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. *Lumina*, [S. l.], v. 8, n. 2, 2015. DOI: 10.34019/1981-4070.2014. v8. 21098. Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/lumina/article/view/21098>. Acesso em: 27 jun. 2025.



RELICI

201

NICHOLS, Bill. *La representación de la realidad*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1997.

PENAFRIA, Manuela. *Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)*. In: VI Congresso SOPCOM, Lisboa, 2009. *Anais eletrônicos...* Lisboa, SOPCOM, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>.

PERRONE, Rica. *Cara a Tapa. Os jogadores do Flamengo queriam jogar contra o Sport*. You Tube. 28 de fevereiro de 2023. 4min26s. Disponível em: <https://www.youtube.com/caraatapa>. Acesso em: 13 de junho de 2025.

TOMAIM, Cássio dos Santos. *O documentário como “mídia de memória”: afeto, símbolo e trauma como estabilizadores da recordação*. *Revista Significação*, São Paulo, v. 43, n. 45, p.96-114, 2016.

UOL ESPORTE. Juca Explica. *O Flamengo é o campeão brasileiro legítimo de 1987*. You Tube. 29 de abril de 2019. 4min 45s. Disponível em: https://youtu.be/8m4AuUIFWOW?si=TI6_oj1HnmUJduBQ . Acesso em: 13 de junho de 2025.

WINTER, Jay. *A geração da memória: reflexões sobre o “boom da memória” nos estudos contemporâneos de história*. SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *Palavra e imagem: memória e escritura*. Chapecó: Argos, 2006, p. 67-90.